

Situação: O preprint não foi submetido para publicação

Implicações Socioemocionais sobre Alunos Surdos no Contexto da Pandemia

Luísa Leôncio Monti, Gabriel Silva Nascimento, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2584>

Submetido em: 2021-07-02

Postado em: 2021-07-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

IMPLICAÇÕES SOCIOEMOCIONAIS SOBRE ALUNOS SURDOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

LUÍSA LEÔNCIO MONTI¹

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3342-4286>

GABRIEL SILVA NASCIMENTO²

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9308-7296>

CRISTINA BROGLIA FEITOSA DE LACERDA³

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3250-1374>

RESUMO: A pandemia da Covid-19 provocou mudanças significativas nas relações interpessoais. Para as pessoas surdas, antes da pandemia, as barreiras de comunicação e a ausência de acessibilidade já se provavam eficazes formas de isolamento social. Esta pesquisa organizada como um estudo de casos múltiplos, tem como objetivo evidenciar por meio de depoimentos de alunos surdos, percepções e reações diante do contexto de distanciamento social. Foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas realizadas via *Google Meet*, em libras e um desenho como procedimento complementar, no qual os alunos representaram graficamente a pandemia. A análise de dados foi realizada nesta relação entrevista/desenho e à luz de autores da abordagem histórico-cultural e da área da surdez. Esta pesquisa oferece caminhos para pensar os riscos do distanciamento social sobre os surdos, sobretudo no que diz respeito ao estado socioemocional como desdobramento da privação de contato entre os pares, dificuldades de acesso à informação e vivências com outros sinalizadores.

Palavras-chave: Efeitos socioemocionais, Isolamento social, Surdos, Pandemia, Coronavírus

SOCIOEMOTIONAL IMPLICATIONS ON DEAF STUDENTS IN THE CONTEXT OF THE PANDEMIC

ABSTRACT: The COVID-19 pandemic caused significant changes in interpersonal relationships. For deaf people, before the pandemic, communication barriers and lack of accessibility were already proving effective forms of social isolation. This research, organized as a study of multiple cases, intends to highlight through testimonials of deaf students, perceptions and reactions to the context of social distancing. Two data collection instruments were used: semi-structured interviews conducted via Google Meet, in Libras and a drawing as a complementary procedure, in which the students graphically represented the pandemic. The data analysis was performed in this interview/drawing relation and in the light of authors of the historical-cultural approach and the deafness area. This research offers ways to think about the risks of social distancing from the deaf, especially regarding to the socio-emotional state as an unfolding of the deprivation of contact between peers, difficulties of access to information and experiences with other signers.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos – São Paulo – Brasil. < luisamonti@gmail.com >

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos – São Paulo – Brasil. < tilgabriel@gmail.com >

³ Professora Associada II do Departamento de Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos – São Paulo – Brasil. < cbflacerda@gmail.com >

Keywords: Socioemotional effects, Social isolation, Deafness, Pandemic, Coronavirus

IMPLICACIONES SOCIOEMOCIONALES SOBRE ALUMNOS SORDOS EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA

RESUMEN: La pandemia de COVID-19 provocó cambios significativos en las relaciones interpersonales. Para los sordos, antes de la pandemia, las barreras de comunicación y la falta de accesibilidad ya se demostraban eficaces formas de aislamiento social. Esta investigación es un estudio de casos múltiples que pretende evidenciar por medio de testimonios de alumnos sordos, percepciones y reacciones ante el contexto de distanciamiento social. Se utilizaron dos instrumentos de recolección de datos: entrevistas semiestructuradas realizadas vía Google Meet, en Libras y un dibujo como procedimiento complementario, en el que los alumnos representaron gráficamente la pandemia. El análisis de datos fue realizado en esta relación entrevista/diseño y a la luz de autores del abordaje histórico-cultural y del área de la sordera. Esta investigación ofrece caminos para pensar los riesgos del distanciamiento social sobre los sordos, sobre todo en lo que respecta al estado socioemocional como desdoblamiento de la privación de contacto entre los pares, dificultades de acceso a la información y vivencias con otros señalizadores.

Palabras clave: Efectos socioemocionales, Aislamiento social, Sordos, Pandemia, Coronavirus

INTRODUÇÃO

O contexto pandêmico oriundo da emergência do novo coronavírus vem provocando mudanças drásticas nos modos de nos relacionarmos, considerando medidas de distanciamento social cada vez mais severas. Tais medidas forçam consideravelmente o uso de tecnologias, em diferentes propostas de trabalho e estudo remoto. Como consequência disso, as mídias e redes sociais, que para alguns assumiam uma função mais recreativa, tornam-se canais intensivos para interações, pesquisas e estudos, em um verdadeiro bombardeio de informações.

Ocorre que essas informações e trocas de dados, literalmente instantâneas, muito raramente apresentam recursos de acessibilidade – como é o caso da tradução em libras (língua brasileira de sinais) – para os surdos sinalizadores. Como resultado das últimas décadas de estudos, movimentos em prol de uma escolarização de qualidade para surdos, respeitando a língua e a cultura das comunidades surdas brasileiras, fizeram aumentar o número desses alunos em escolas regulares.

Em se tratando da escolarização dos surdos, é possível notar que as constantes reformas nas políticas de educação inclusiva têm prejudicado os esforços para consolidar um método bilíngue que seja adequado para eles em direção a um desenvolvimento comunicativo não apenas em libras, mas também no português escrito (QUILES, 2015).

No Brasil, esse cenário tem como consequência o acesso tardio à língua de sinais, geralmente nos primeiros anos escolares, quando as crianças têm entre seis e sete anos de idade. Como é de conhecimento geral, a maioria das crianças ouvintes terá dominado uma grande quantidade de conhecimentos em sua primeira língua por essa idade.

Ao longo deste período inicial de escolaridade, o português continua a ser ensinado com base em metodologias utilizadas para o ensino de línguas maternas que são orais. Ou seja, o ensino é centralizado na distinção do som – em uma espécie de abordagem audiolingual para a educação em primeira língua –, o que não é natural para as pessoas surdas.

Ainda que os dispositivos legais possibilitem uma participação mais ativa dos surdos à medida em que eles adentram esses espaços e, conseqüentemente, uma maior visibilidade em relação aos aspectos culturais das comunidades surdas e da própria língua de sinais, as lacunas que emergem na trajetória da escolaridade inscrevem uma parcela significativa da comunidade surda em uma posição desfavorável ao acesso autônomo à informação, não somente no contexto educacional, mas em sua trajetória de vida.

Pensando o contexto pandêmico atual, como ouvintes, somos inundados diariamente com informações da mídia, em português oral e escrito, sobre o novo coronavírus, sobre medidas tomadas e diretrizes fornecidas pelos governos municipal, estadual e federal. Embora este fluxo quase monotemático de notícias se revele exaustivo, a informação é crucial para compreender a proporção assumida pelo problema, para cuidar de nós mesmos e das pessoas que nos rodeiam.

Embora o distanciamento social seja crítico para contenção e diminuição do escalonamento de contágios, este tem, sem sombra de dúvidas, conseqüências graves à saúde mental e bem-estar, a longo e curto prazos (GALEA; MERCHANT; LURLE, 2020). Pode existir, inclusive, um agravamento do quadro de estresse e ansiedade em crianças e pessoas com deficiência (PATEL, 2020).

Em especial, crianças surdas no contexto pandêmico e de aulas remotas, podem experienciar um cenário de isolamento social mais severo que as demais (quando inseridas em escolas inclusivas, estas

crianças podem já estar experienciando este tipo de relação com o mundo, uma vez que seus pares e, muitas vezes professores não dominam a libras, entre outras barreiras cotidianas).

É neste contexto em que as pessoas surdas lutam para lidar com as barreiras de acesso à informação que as nossas investigações são moldadas. Entender como a informação básica sobre a pandemia impacta os surdos pode contribuir para a compreensão da dimensão do problema, refletir sobre seu alcance e compreender de que forma o contexto educacional mostra-se potente em termos de formação humana e social. Assim, busca-se nas próximas linhas evidenciar por meio de depoimentos de alunos surdos e produções imagéticas produzidas por eles, alguns possíveis efeitos dessa condição dupla de isolamento/distanciamento social.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa sob o número 39911220.7.0000.5504, este relato de pesquisa se configura em um estudo de casos múltiplos de abordagem qualitativa do tipo descritiva. Decidiu-se por este tipo de análise por permitir a identificação de padrões dentro de um determinado grupo, possibilitando a observação de efeitos fenomenológicos em seu contexto real (COHEN; MANION; MORRISON, 2007), adequando-se ao objetivo proposto. Estudos de casos múltiplos mostram-se mais convincentes à medida que permitem, além de uma análise individual, uma análise entre os casos, viabilizando a identificação de bases constituintes para as hipóteses e para o desenvolvimento de teorias (YIN, 2005).

Tomou-se como critério de participação nesta investigação o seguinte perfil de sujeitos: aluno nas etapas do Ensino Fundamental II ou Ensino Médio; com perda auditiva bilateral, usuário da língua de sinais; com acesso à computador e conexão de internet; com aceite por livre e espontânea vontade e consentimento dos pais e/ou responsáveis. Assim, participaram do estudo cinco alunos, na faixa etária 15 a 17 anos, sendo quatro do gênero masculino e uma do gênero feminino. Para a seleção desses indivíduos, foi utilizado o método Bola de Neve (*Snow Ball*), no qual a amostra é formada ao longo do processo e não é determinada previamente, ou seja, este tipo de amostra é autogerada, o que a caracteriza como uma amostra não-probabilística (COSTA, 2018).

Em razão da pandemia de Covid-19 e em respeito à recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), decidiu-se por manter o distanciamento social, visando a saúde dos participantes e pesquisadores. Participaram da pesquisa sujeitos de uma mesma região do estado de São Paulo. Delimitar uma única região se justifica pela necessidade de restringir as variáveis que poderiam impactar na produção e análise dos dados, uma vez que o estado de São Paulo conta com uma política estadual organizada na perspectiva inclusiva, porém, os municípios, normalmente responsáveis pela oferta do Ensino Fundamental, se organizam de formas distintas (PINTO, 2021).

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: um roteiro de entrevista semiestruturada e desenhos produzidos pelos participantes. A utilização de mais de uma fonte de evidências se constitui como uma tática para aumentar a validade do construto. Desta maneira, utilizam-se múltiplas fontes de dados de forma a incentivar linhas convergentes de investigação, enquanto um processo de triangulação de dados, sendo este um ponto forte dos estudos de caso (YIN, 2005).

No roteiro de entrevista semiestruturada, as perguntas abordaram: acessibilidade, tecnologias digitais, acesso e compreensão de informações sobre a Covid-19, processo de escolarização no contexto da pandemia, isolamento e distanciamento social, e autopercepção de efeitos psicossociais.

A escolha pela entrevista semiestruturada se fundamenta no fato dela proporcionar perguntas não-engessadas, o que possibilita adaptar e flexibilizar as questões de acordo com o rumo que a conversa possa tomar. Em adição, Yin (2005) indica que a entrevista é uma das fontes de informação mais importantes nos estudos de caso, possibilitando captar uma diversidade de descrições e interpretações de indivíduos sobre a realidade.

A técnica de elaboração dos desenhos reside na proposição de que os indivíduos pesquisados representem, graficamente, uma determinada situação ou concepção. Com base nos elementos emergidos pelo desenho, o pesquisador levanta a discussão. O desenho oferece evidências e indícios sobre os sentimentos da criança e do jovem e seu estado afetivo-emocional (ARAÚJO, 2008). Principalmente porque crianças encontram dificuldade em expressar seus sentimentos – muitas vezes por ainda não terem adquirido este repertório – e, em específico, jovens e crianças surdas em processo de aquisição tardia da língua de sinais, encontram uma barreira ainda maior na comunicação e formulação de conceitos essencialmente abstratos (ARAÚJO, 2008).

Como orientação, ao final da entrevista, foi solicitado ao participante que representasse, por meio de desenho, a compreensão da seguinte proposição: ‘represente como você se vê no contexto pandêmico’. O emprego do desenho como forma alternativa de expressão tem a finalidade de fornecer pistas mais precisas sobre os efeitos socioemocionais no contexto da pandemia, pensando em possíveis limitações no que diz respeito à produção discursiva por parte dos alunos acerca de sentimentos, sensações e emoções atreladas ao distanciamento social.

As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma digital de interação instantânea *Google Meet*, com agendamento antecipado e individual. Como meio de garantir a confiabilidade dos dados coletados, as entrevistas foram gravadas por vídeo e, posteriormente, transcritas a fim de conservar com fidedignidade os discursos dos sujeitos participantes.

O registro em vídeo mostra-se efetivo na coleta de dados com surdos por permitir revisão de dados e a percepção de nuances que possam ter escapado aos olhos dos pesquisadores como elementos espaciais e marcadores específicos das línguas de modalidade visual. Para maior conforto dos participantes, as interações se deram diretamente em Libras sem a intermediação de um tradutor e intérprete, considerando que os pesquisadores que conduziram as entrevistas são usuários da Libras.

Em se tratando da caracterização dos participantes e faixa etária, o perfil delimitado buscava investigar surdos nos anos finais do Ensino Fundamental da rede estadual no Vale do Ribeira, região que abarca o extremo sul do Estado de São Paulo e parte do norte do Paraná. Para fins de confidencialidade os participantes serão identificados por nomes fictícios sendo eles: João, Maria, Pedro, Lucas e Tiago.

Dois dos entrevistados já concluíram o último ano do Ensino Fundamental, no entanto, em função do contexto da pandemia, ainda não haviam iniciado o primeiro ano letivo no Ensino Médio na ocasião das entrevistas. Os participantes Tiago e Lucas têm 15 anos, Pedro 16 anos e João e Maria 17. Os alunos mais velhos são ambos repetentes e estavam prestes a iniciar em 2021 o primeiro ano do Ensino Médio com a implantação do ensino remoto emergencial.

As cidades na qual os entrevistados residem no Vale do Ribeira são: Registro, Cajati, Pariquera-Açu e Miracatu. Apenas João e Maria residem no mesmo município e estudam na mesma escola

e sala. Ainda que seja em municípios distintos, todos frequentam escolas da rede estadual e se conhecem de outros espaços, considerando que os municípios são próximos, o que facilita o trânsito e a possibilidade de se relacionarem para além do contexto educacional.

As entrevistas transcorreram individualmente e foram organizadas em três etapas: a) na primeira etapa orientada por um roteiro semiestruturado visando coletar informações básicas como apresentação pessoal, relações cotidianas, domínio da língua de sinais, integração com a comunidade surda local e finalmente narrativas acerca das experiências dentro e fora do contexto pandêmico; b) a proposição da elaboração de um desenho livre no qual eles buscassem representar ideias e percepções sobre a pandemia na perspectiva de quem é surdo, e; c) breve diálogo sobre a produção do desenho. As três etapas compreenderam um período na faixa de 40 a 50 minutos.

Durante a elaboração do desenho, os entrevistados permaneceram com suas câmeras ligadas, sem intervenção dos pesquisadores. Essa recomendação visava a não interferência de adultos ou aquisições de novas informações que pudessem influenciar no desenho. No entanto, um dos entrevistados solicitou entregar uma versão colorida do desenho no dia seguinte. O pedido foi aceito com a condição de que ele enviasse a versão à lápis, produzida durante a entrevista, e a segunda versão colorida no dia seguinte.

Perfil geral dos entrevistados

A parte inicial da entrevista foi pensada para estabelecer um perfil geral dos participantes. As informações coletadas são relevantes para as análises, sobretudo em se tratando do domínio da libras e da língua portuguesa pelos entrevistados e seus familiares, visto que a comunicação tem uma implicação direta na aquisição de informações e relações interpessoais.

Contudo, não houve aplicação de um teste sistematizado para verificação do nível de domínio da língua; optou-se por critérios definidos previamente que permitissem identificar, na primeira parte da entrevista, o nível de uso da língua de forma objetiva⁴. A aplicação desses critérios para verificação do domínio da Libras foi realizada ao longo de toda a entrevista, com anotações sobre o vocabulário, fluidez e tempo de resposta, com e sem a reelaboração das perguntas. Em relação à língua portuguesa escrita, durante as entrevistas, os surdos foram questionados em relação à leitura. Tiago e Lucas narraram não compreender enunciados ou mesmo frases simples. Pedro, João e Maria, por sua vez, alegaram compreender frases mais elaboradas, mas bastante dificuldade em ler e compreender textos mais longos, sejam acadêmicos ou de outra natureza.

Em relação aos familiares, a avaliação em relação a Libras foi obtida por meio de questões diretas para os participantes, que os instigassem a falar sobre a comunicação com os pais, tais como: seus pais conseguem compreender claramente quando você fala sobre seu dia? Quando tenta se

⁴ Foram estabelecidas três categorias: 1) básico – sabe se apresentar, compreende enunciados simples, produz falas pausadas, demanda reformulação de perguntas, vocabulário restrito, dificuldade em ler e sinalizar; 2) intermediário – consegue produzir enunciados mais elaborados, demonstra domínio maior do vocabulário, fala com tranquilidade sobre as rotinas e gostos pessoais, elabora perguntas, reconhece e compreende enunciados simples para leitura; 3) avançado – demonstra bom domínio do léxico básico e variações da língua, produz enunciados mais complexos, sinaliza ou lê com fluidez, emprega corretamente conhecimentos gramaticais.

comunicar com eles quais recursos utiliza? Ou ainda: seus pais se comunicam principalmente sinalizando ou pela leitura labial e gestos?

Conforme pode ser observado no Quadro 1, todos foram expostos à língua de sinais de forma tardia. Em todos os casos, o contato se deu no contexto escolar, com a presença de um tradutor e intérprete a partir do Ensino Fundamental II (sexto ano), o que incide diretamente no domínio da libras apresentado por eles. Em termos de comunicação com familiares, apenas João indica que a mãe e o irmão se comunicam em Libras de modo avançado, sendo o irmão mais velho também surdo.

Quadro 1 - Perfil geral dos entrevistados

Identificação	Tiago	Lucas	Pedro	João	Maria
Idade	15	15	16	17	17
Idade de aquisição da Libras	9	10	7	7	8
Domínio da Libras	Intermediário	Intermediário	Intermediário	Avançado	Avançado
Domínio da Língua Portuguesa	Básico	Básico	Intermediário	Intermediário	Intermediário
Domínio da Libras pela família	Apenas mãe (básico)	Apenas mãe (básico)	Pai, mãe e irmão (intermediário)	Mãe avançado, pai intermediário e irmão proficiente (surdo)	Apenas mãe, (intermediário)
Relações com a comunidade surda	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: elaborado pelos autores.

PERSPECTIVAS DOS SURDOS SOBRE AS RELAÇÕES DENTRO E FORA DO CONTEXTO DA PANDEMIA

Partindo para a segunda parte das entrevistas, os discursos produzidos pelos participantes oferecem algumas pistas acerca do modo como eles têm percebido as mudanças sociais no contexto da pandemia e os possíveis efeitos nas suas relações interpessoais.

A princípio, partimos da hipótese de que a relações mais consistentes seriam aquelas oriundas do contexto escolar, local no qual, fora do contexto pandêmico e previamente às medidas de distanciamento social, os surdos passam a maior parte do dia acompanhados de colegas e servidores e, mesmo fora do período escolar é comum que os pais se ausentem da casa em função das suas jornadas de trabalho.

Apesar disso, pressupomos que a escola não seria o único local possível de práticas e interações sociais, sobretudo, pelas barreiras linguísticas que os surdos enfrentam, no contexto da inclusão, ao lidarem com pares ouvintes e não usuários da Libras, o que não raramente reduz as relações comunicativas mais diretas dos surdos aos profissionais tradutores e intérpretes que os acompanham na escola.

Assim, perguntas como: “Você tem contato com outros surdos? Há locais em que você se reúna com outros surdos para interações diversas? Quais mudanças ocorreram nessas relações no contexto pandêmico?”, foram incorporadas ao roteiro de perguntas visando obter uma visão mais geral sobre as relações antes e durante a pandemia.

Quatro dos cinco surdos indicaram uma relação próxima com outros membros da comunidade surda no Vale do Ribeira em lugares diferentes da escola conforme pode ser observado nas falas transcritas abaixo:

Eu sempre ia para escola com meu amigo surdo, ele mora perto da minha casa. Ele estuda em outra escola, mas eu sempre vou mais cedo para a gente conversar no caminho para escola a pé (Entrevista Pedro, 2021)

Tem a praça aqui na cidade, os surdos sempre vão para lá, eu vou também porque tem comidas e podemos bater papo em Libras (Entrevista Lucas, 2021).

Sempre aos domingos a gente vai para a igreja, agora não né, porque é perigoso, mas lá tem um grupo de surdos e a gente sempre se encontra (Entrevista João, 2021).

Em todos os casos, ao narrarem sobre os encontros surdo-surdo, os entrevistados pontuam com clareza as interações em língua de sinais com seus pares, seja na praça ou na igreja. É também nestes espaços que se dão as relações entre os surdos, sendo a igreja um ponto de convergência onde, mesmo morando em cidades distintas, eles acabam se conhecendo.

Outra questão interessante é que os encontros surdo-surdo nos cultos dominicais contam com um elemento comum a todos os entrevistados. Uma profissional tradutora e intérprete – que aqui será nomeada de Esmeralda – promove na região eventos para integração de surdos, tanto em associações de pessoas com deficiência, quanto nas Igrejas, organizando inclusive transportes coletivos para que eles possam frequentar os cultos (que também contam com interpretação simultânea para a Libras). Além disso, três dos cinco entrevistados narram terem tido o primeiro contato com a Libras graças a Esmeralda, que atua como profissional contratada em diversas escolas da região.

Foi a Esmeralda que me ensinou Libras, eu sempre gosto de ir para a Igreja, é muito bom porque a comunicação é muito boa, ela sabe bem Libras e parece que a gente fica unido. Eu quero ir para a Igreja, eu amo Jesus sim, mas é melhor com Libras a gente pode cantar e sabe, tem a bíblia. Eu sinto muita falta, quero logo que Deus ajude e que a pandemia acabe para eu encontrar novamente os surdos na Igreja (Entrevista João, 2021).

Eu aprendi Libras com a Esmeralda e já fui na associação ver palestras e também na Igreja. Lá eu vi outros surdos, o Lucas e o Pedro você conhece? Não moram aqui, mas sempre vem (Entrevista Maria, 2021).

Pode-se observar o modo como Esmeralda participa ativamente da comunidade surda local, funcionando como uma âncora na promoção dos encontros surdo-surdo presencialmente e potencializando o uso da língua de sinais para além dos muros da escola. Ao mesmo tempo, João transita entre o interesse direto pela religião e a vontade de estar com seus pares. Em nenhum dos casos houve uma expressão direta de interesse dos entrevistados em retornarem às suas rotinas escolares, mas o apelo de retomar os encontros presenciais em outros espaços aparece nas narrativas de pelo menos três entrevistados.

Parte desse interesse em estar em contato com outros surdos pode estar relacionada a pelo menos dois fatores: 1) com exceção de João e Maria que compartilham da mesma sala de aula e escola, todos os demais são únicos surdos em suas respectivas escolas. No caso de Pedro, o encontro com o

amigo surdo que estuda em outra escola ocorre apenas no trajeto para as aulas; 2) novamente, com exceção de João, que demonstra uma boa comunicação no contexto familiar com o irmão surdo e a mãe, todos os demais relatam uma comunicação restrita no contexto familiar, empregando gestos, “apontação”, mímicas e leitura labial, o que se torna impeditivo para relações mais densas e faz o encontro com os pares surdos um atrativo potente para a livre interação em sinais.

Quando indagados sobre as relações, antes marcadas pelos encontros presenciais na Igreja e na praça, os entrevistados narram:

Eu acho bom não ter que ir para escola. Aproveito o dia, acordo tarde e tem aula por vídeo, sabe o Google Meet? Lá tem intérprete. Eu aproveito para jogar videogame, também estou vendo filmes e séries porque a aula não é o tempo todo igual na escola, então pode ver a aula, fazer atividade rápido e fico livre (Entrevista João, 2021)

Eu não gosto, eu já fiquei preocupado porque soube que tem um surdo que morreu, eu quero sair de casa. Também agora não pode ir na Igreja, já sai com minha mãe, mas tem que usar máscara. Eu detesto máscara! É muito ruim e como vai ler lábios? Não tem Libras! Um saco! Também não gosto da aula online, cansa ficar sentado lá e as vezes trava o computador (Entrevista Pedro, 2021)

É difícil né, eu fico triste às vezes. Tem o WhatsApp que dá para comunicar com os surdos, mas não é igual. Também, se a internet ficar ruim não tem o que fazer e não dá para conversar. Ontem eu fui mandar um vídeo no WhatsApp e travou e eu vou fazer o que? Só ficar olhando para as paredes (Entrevista Lucas, 2021)

Nestes três excertos nota-se perspectivas diferentes em relação às interações no contexto da pandemia. Enquanto João aproveita melhor o tempo em casa com atividades recreativas e considera as aulas online mais rápidas e produtivas, Pedro e Lucas vão na direção contrária, apontando ainda as dificuldades da comunicação com outras pessoas, já que eles não dominam a libras e a máscara impede a leitura labial. Isto somado aos problemas com a internet, que nem sempre viabiliza a comunicação por redes sociais com outros amigos.

Sobre a perspectiva mais positiva apresentada por João, é preciso considerar que, ao contrário dos outros quatro, ele conta com um irmão mais velho que é surdo com quem pode dialogar abertamente em Libras e trocar informações. Ele se comunica ainda com a mãe, usuária da libras com quem ele mantém uma relação mais próxima o que permite ter acesso a informações de modo mais preciso.

Esse contraste pode ser melhor evidenciado quando os entrevistados são questionados sobre seus conhecimentos acerca do novo coronavírus e da Covid-19.

É tipo uma doença, eu sei que vem no ar, você respira e morre. A máscara é para isso, tem que ter cuidado para respirar, então se a pessoa espirrar perto eu corro. É uma doença, este sinal em Libras é Covid-19, eu não lembro nome, você usou um sinal diferente eu faço assim - produz um sinal idiossincrático diferente do sinal corrente (Entrevista Lucas, 2021).

Minha mãe já me explicou. É um vírus do Japão. A pessoa pode morrer, a gente espera vacina. Precisa lavar as mãos e usar álcool e quando sair colocar a máscara porque o vírus espalha rápido. O hospital já está cheio de gente, eu tenho muito medo, não vou sair de casa (Entrevista Maria, 2021).

É uma doença que vem da Cina - soletra manualmente de forma incompleta o nome do país. Eu já sei que tem muita mentira, parece uma gripe, é igual gripe. Só precisa cuidar e colocar máscara. Muita gente tem medo, eu não tenho não por que sou forte. Eu só estou preocupado com a vacina, eu não quero vacina, meu amigo surdo me falou no Facebook que vacina é mais perigosa. E se eu tomar vacina e morrer? (Entrevista Pedro, 2021).

Eu já conversei com minha mãe, a doença Covid-19 é perigosa. Se a pessoa não tomar cuidado, pode morrer. Esmeralda explicou que é um vírus da China, eu já entendi, porque as pessoas viajam e depois pegam na mão uma da outra. Eu nunca fui na China, mas tem gente na cidade que já pegou, por exemplo, cada pessoa que

aperta a mão pode transmitir, entendeu? Por isso não pode ter contato, nem aglomerar na igreja e escola, e a máscara protege. Quando tiver vacina vai ser muito mais fácil porque a vacina protege (Entrevista João, 2021).

Nos quatro excertos, é possível identificar alguns pontos críticos, tanto relacionados com a perspectiva da gravidade da pandemia, quanto ao acesso às informações. Apenas João, novamente, se aproxima de informações e dados reais, tomando como fonte sua mãe e Esmeralda. João também articula com clareza sobre as informações e demonstra familiaridade com a temática e os sinais utilizados.

Lucas, no entanto, não reconhece o sinal corrente empregado para Covid-19 em Libras, o que exige que o pesquisador reformule a pergunta de forma descritiva para que ele compreenda que se trata. Ao compreender, ele apresenta um sinal caseiro para a doença.

Maria indica um ponto de origem equivocado para o vírus, no entanto, reconhece as medidas de profilaxia e a gravidade da doença. É em Pedro que localizamos as maiores contradições quando ele assume uma perspectiva leviana sobre o contágio e a doença e uma postura antivacina que é ancorada em uma informação, segundo ele, recebida de outro surdo nas redes sociais.

Apenas João demonstra um diálogo aberto em casa sobre a doença, todos os demais alegam ter acesso a informações nas redes sociais e quando perguntados afirmam que nenhum dos professores abordou a temática nas aulas remotas. Saber sobre o vírus e a doença coloca os entrevistados em uma posição mais segura em relação aos cuidados que devem tomar, através do diálogo e orientação que parte principalmente da família e, em um segundo momento, da escola e das redes sociais.

É compreensível, no entanto, que eles não tenham tido acesso a informações mais precisas no contexto familiar, visto que o domínio da libras pelos pais e familiares pode não ter sido suficiente para transmitir as informações com precisão. Um argumento que reforça essa hipótese é o fato de todos eles conseguirem falar (contra ou a favor) sobre as medidas profiláticas, visto que estas informações são evidenciadas com apoio visual, cartilhas, vídeos instrucionais difundidos na internet e na televisão, ou mesmo pela observação dos hábitos nas relações cotidianas.

João, surdo que mostrou proficiência sobre diversos aspectos envolvendo a pandemia, ainda fez críticas à escola. Desde o início da pandemia suas aulas aconteceram de maneira remota, contudo, não se abordou o tema do vírus. João pergunta:

Eu me lembro que quando começaram as aulas pela internet, os professores explicaram como ia ser diferente, pediram paciência porque era lei nova até melhorar o problema da pandemia... era para nossa segurança. Até que foi legal, eles mostraram como acompanhar as aulas, tinha intérprete e começaram a explicar coisas de História, Matemática. Eu fiquei pensando, não vai falar mais sobre o tema da Covid-19? Por que o professor não explicou mais sobre o vírus? (Entrevista João, 2021).

Apesar de João ser um “ponto fora da curva” quando se trata dos participantes selecionados a este estudo, ele faz parte da comunidade surda e traz à tona questões que permeiam essa realidade e que certamente devem ser consideradas. As transformações que se desenrolam no contexto sócio-político-cultural repercutem na escola e, portanto, a escola tem como dever acompanhar as mudanças do mundo, modificando e adaptando sua organização e contextualizando suas práticas de ensino para fazerem sentido à vida dos educandos, servindo-lhes em um contexto real.

Para João, ter acesso à informação no contexto familiar foi crucial e relativamente suficiente, apesar de ele se mostrar ressentido pelo fato de a escola não abordar de forma mais aprofundada o tema. No universo de sujeitos participantes, a principal fonte de acesso à informação verídica sobre o Covid-

19 mostrou ser uma comunicação clara com familiares. Família e escola deveriam se complementar nessa tarefa, considerando a gravidade e complexidade da situação.

Tal fato evoca o problema de comunicação apontado nas entrevistas. Seja no contexto familiar ou escolar. Uma experiência social empobrecida provoca, para além de dificuldades interacionais e educacionais, obstáculos nas relações sociais e na atuação do surdo sobre o mundo. Estas repercussões são agravadas pelo atraso na aquisição da linguagem. “Se o acesso à língua é parcial, também são parciais o entendimento e a participação do surdo no seu funcionamento” (SANTANA, 2007, p. 155).

A comunicação e o acesso à língua são direitos humanos, assegurados legalmente. No que se refere à comunidade surda, este direito é consolidado, além da Constituição Federal de 1988, na Lei nº 10.436/2002. A relação da criança com os pais ou responsáveis, desde a primeira infância, é construída a partir do uso da língua, seja ela a libras ou o português. A linguagem é amplamente considerada pela ciência como responsável pelo desenvolvimento das funções cognitivas da criança e, portanto, indispensável a um desenvolvimento infantil pleno e saudável (SANTANA, 2007; ARAÚJO, 2008; GUARINELLO; LACERDA, 2007).

Para tanto, no contexto de uma família de pais ouvintes e criança surda, é indispensável que os responsáveis tenham acesso à língua que se desenvolve pelo canal natural da criança. É dever do Estado, indubitavelmente, oferecer acesso à língua de sinais a estas famílias, como preconiza a lei. A negligência em relação a estas famílias pode causar danos irreparáveis, tanto na constituição dessas crianças, quanto na relação desses núcleos familiares. E mais: no atual contexto pandêmico, coloca em risco a saúde desses sujeitos que não têm acesso à informação.

Nessa perspectiva, a queixa do João em relação a inexistência de uma abordagem direta sobre a pandemia nas aulas remotas se pauta na curiosidade em saber mais sobre o assunto. Ao contrastar os conteúdos abordados nas aulas de História e Matemática e a ausência de informações sobre o vírus, João localiza a ameaça da Covid-19 no campo da ciência e da produção do conhecimento atribuindo à escola o papel de fornecer informações que excedem as que ele teve acesso em casa.

Ao mesmo tempo, é preciso considerar que é na escola que se tem a profissional intérprete de libras, que teve papel decisivo em sua aquisição de linguagem. Logo, a expectativa de obter mais informações de maneira direta faz ainda mais sentido. A problemática do acesso à informação e outras perspectivas apresentadas pelos sujeitos participantes são reforçadas e emergem nas produções dos desenhos, conforme discutiremos na seção seguinte.

ENTRE RABISCOS E IDEIAS

O desenho mostrou ser um recurso sógnico-visual eficiente, sendo um modo do sujeito de operar com e na linguagem. No caso desta pesquisa, o desenho, entendido como representação da realidade, assegurou a significação da libras, uma vez que alguns dos participantes demonstraram conhecimento incipiente da língua.

O desenho também possibilitou o acesso a outros significados que a língua não pode acessar. E, portanto, foi um importante instrumento facilitador, revelando narrativas que não estavam explícitas e abrindo precedente para novas interpretações. Para além disso, surdos têm sua memória, atenção e percepção constituídas, primordialmente, de forma visual (FERREIRA, 2001), o que justifica a opção pelo desenho, por ser um recurso visual.

Embora outros autores tragam também subsídios para ajudar a pensar e interpretar desenhos, algumas produções vigotskianas perpassam os temas da constituição e desenvolvimento da imaginação, da memória, da abstração, da emoção e dos sentimentos, necessários a este estudo. Nas reflexões aqui pretendidas, utilizar-se-ão como obras de referência a Teoria das Emoções (VIGOTSKY, 2004) – no original, *Teoría de las emociones* – escrita na mesma época que *Las emociones y los sentimientos*, de Smirnov (1969), que compactua com muitas das ideias de Vigostsky e *La Imaginación y el Arte en la Infancia*, de Vigotsky (1998).⁵

Vigotsky (1998; 2004) considera o desenho uma adaptação simbólica do pensamento infantil. A criança reflete o seu conhecimento no desenho e, posto que o desenho são suas ideias, esta forma de figuração é produto de seu pensamento. A importância então reside na significação que o próprio autor atribui ao desenho e, por isso, levou-se em consideração a interpretação dos sujeitos sobre suas criações. Para além disso, os desenhos foram considerados como a materialidade de imagens mentais dos autores; imagens figurativas que representam aquilo o que conhece e está em sua memória (ARAÚJO, 2008).

Para a análise dos desenhos, considera-se que, ao desenhar, a criança significa a realidade e objetiva a sua subjetividade através da imaginação. Sua realidade é construída a partir da relação com os outros, com quem convive, com quem dialoga e dos sentidos que circulam nos contextos nos quais está inserida. Logo, o desenho traz pistas daquilo que a criança se apropria ao significar a realidade, o que é mais importante nessa realidade (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008; DERDYK, 1989).

Sueli Ferreira (2001), nas palavras de Araújo (2008), descreve que é “[...] a partir do momento em que o desenho é figurativo e pode ser interpretado como representação da realidade, ele torna-se signo: o que caracteriza o signo é o fato dele ser interpretável. É a interpretação que transforma uma figuração em signo” (p. 97).

Por esse prisma, elegemos algumas das representações imagéticas produzidas pelos surdos participantes com vistas a compreender, de modo mais sensível, suas autopercepções em relação ao contexto pandêmico e possíveis implicações socioemocionais oriundas da condição de distanciamento social.

Vale ressaltar que para além dos desenhos, houve uma terceira etapa: ao compartilhá-los com os pesquisadores, estes retomaram o diálogo sobre os desenhos na busca por entender suas inspirações, motivações e ideias entremeadas em elementos, tanto de organização imagética, quanto de traço. Os recortes de algumas falas produzidas nesta etapa final serão incorporados às análises dos desenhos a seguir.

Figura 1 - Desenho de João

⁵ Será adotada a grafia Vigotsky, neste texto, uma vez que o nome do autor tem sido grafado de diferentes maneiras, de acordo com os diferentes idiomas para os quais é traduzido. Ressalta-se que, nas referências bibliográficas, será utilizada grafia do nome conforme original.



Fonte: Acervo dos autores.

O primeiro desenho, elaborado por João, reforça a ideia de que as medidas de profilaxia são as mais evidentes, como por exemplo, o uso da máscara, álcool gel e ficar em casa. João reproduz no desenho as atividades que mais tem realizado durante o isolamento social: assistir à televisão, jogar videogame e atender às aulas remotas, conforme nos relatou na entrevista.

Nota-se que todas as atividades representadas têm como ator apenas ele, sozinho. João narra que tem ficado bastante sozinho em casa durante a pandemia e que, quando o pai quer assistir à televisão na sala da casa, pede que João retire o *Closed Captions* (legenda) por atrapalhar e distrair a visão das imagens. Por este motivo, ele esclarece que, mesmo quando a família está em casa assistindo à televisão na sala, ele vai para o quarto para poder acionar o recurso e obter mais informações. É por isso que o desenho dele mesmo assistindo televisão é duplicado, conforme ele mesmo explica:

São duas televisões, a da sala tem espaço maior e é lá que eu fico quando ninguém mais está. A tela é grande também, então eu fico enxergando melhor as legendas. Mas quando reclamam eu vou para o quarto. O quarto é bem menor, a televisão é pequena, também por isso eu estou mais perto da tela para enxergar a legenda. Minha televisão não tem som. Eu não preciso do som, para mim é visual. Mas o visual não é bom para ouvintes né, incomoda, as palavras na tela (Entrevista João, 2021).

Com o excerto anterior percebe-se que João não é respeitado em sua condição de acessibilidade nem mesmo em sua própria casa. O incômodo do pai – que, de acordo com a fala, sequer é justificado – o afasta do convívio familiar, no qual ele poderia compartilhar de notícias ou imagens e fazer perguntas aos pais para obter esclarecimentos. A própria casa, a dinâmica familiar estabelecida, o isola. Ao ser perguntado sobre a ideia de solidão, João nos narra:

Você pode ver aqui as coisas que eu faço o dia todo, eu só fico em casa, mas é chato porque sempre que preciso sair eu tenho que usar máscara e depois tenho que passar álcool... você conhece a balança dos advogados? [...] eu na justiça... um lado a máscara é leve... o outro o álcool é mais pesado... eu fico pensando nisso, é como se eu estivesse preso... é ruim..., mas eu gosto de ver TV (Entrevista João, 2021).

Ainda que na etapa inicial João tenha mostrado gostar de estar em casa, das atividades recreativas, do menor tempo com estudos e o fato de ter um irmão surdo em faixa etária semelhante com quem pode dialogar, é na criação do desenho e na reflexão sobre ele que emergem aspectos emocionais e afetivos de forma mais evidente. Sobre isso, Vigotsky (1998, p. 98) comenta que:

[...] a imagem criada com elementos da realidade encarna-se e realiza-se de novo na realidade, mesmo que de forma condicional; o impulso para a ação, para esse encarnar-se, para a realização, que está contido no próprio processo de imaginar, encontra-se aqui sua efetivação completa.

Percebe-se aqui um paradoxo: ficar em casa, atender às aulas remotas e ter acesso livre ao videogame, parece conceder sensação positiva ao distanciamento social. Ao passo que no desenho e na reflexão sobre ele desvela-se uma sensação de solidão, mesmo acompanhado pelo irmão e a imaginação metafórica ancorada na percepção de justiça enquanto mecanismo que prende ou liberta, ou ainda, que demanda análise de pesos e medidas.

As representações das medidas profiláticas aparecem também em texto verbal na forma de balões o que indica diálogo. Sobre isso, João explica:

Não compreender todas as palavras traz certa angústia para João. Ele opta por ter acesso à legenda a ponto de preferir ficar sozinho em seu quarto. Uma hipótese se deve à sua preocupação quanto à pandemia, escancarada quando ele aponta que até mesmo repórteres estão usando máscara durante os noticiários. João memorizou as palavras mais usadas – e antes desconhecidas – que estão bastante em voga durante a pandemia (álcool, Covid, máscara) na tentativa de acompanhar as informações. Ainda assim, ele sabe que existem outras palavras relacionadas à pandemia, as quais ele tenta ler. João mostra a consciência de que existe mais a ser compreendido. Ele já havia sinalizado que não se discute sobre a pandemia na escola e sua fala aqui transparece a insatisfação com a repetição de palavras que ele já conhece e ao mesmo tempo sua frustração por não compreender tantas outras.

É no desenho e na explicação de Maria que emergem outros incômodos, desta vez em outra relação a barreira comunicativa que divide surdos e ouvintes.

Figura 2 - Desenho de Maria



Fonte: Acervo dos autores.

Quando se pede que Maria fale sobre o desenho, ela o descreve como sendo uma praça da cidade em que ela normalmente encontra pares surdos mais velhos. Ela representa os surdos utilizando máscaras e um de frente para o outro sinalizando. Para a adolescente, trazer este local no desenho foi importante por ser um momento de recreação em espaço público, no qual ela pode se comunicar livremente em libras, fora de casa.

Quando questionada sobre quem seria a pessoa comprando sorvete no desenho, Maria comenta que é uma representação da mãe. Ela ainda acrescenta que a mãe não participa das discussões em libras com seus amigos e enfatiza que foi representada de costas por este motivo. Este fato, somado

a outras afirmações da participante, revela que a mãe de Maria parece não ter interesse em interagir em libras com Maria e seus colegas.

A lógica se inverte quando elas retornam para casa, e Maria passa a ser àquela isolada das relações comunicativas, ou em síntese na reflexão dela sobre o desenho “*Alguém sempre fica sozinho na conversa... em casa sou eu... com os surdos é ela... temos dois mundos, tendo Covid ou não tem uma parede que separa a gente*”.

É nessa separação que distinguimos nas nossas reflexões a ideia de distanciamento e isolamento social. Enquanto o primeiro resulta em práticas profiláticas recomendadas para evitar a propagação do vírus, o segundo se refere especificamente à condição de estar isolado mesmo em um espaço coletivo de interação.

Assim, podemos entender o isolamento social para os surdos como algo que transcende a pandemia. No caso de João, o isolamento se dá pela incompatibilidade de usar a TV da sala. Já para Maria, o isolamento se dá pela impossibilidade e desinteresse da mãe em participar das suas interações com os pares surdos.

Sobre os vírus que ela representa flutuando sobre as pessoas no desenho, quando questionada, Maria responde que as pessoas transmitem e são contaminadas pelo vírus pela respiração e, por isto, o vírus tem que estar no ar, pairando. Ela ainda justifica o vírus estar acima das pessoas por dois motivos: “se ele estivesse entre as pessoas, ele atrapalharia a utilização dos sinais (como se fossem visíveis a olho nu ou tangíveis para movimentação das mãos) e, se estivessem à frente, os surdos iriam vê-los acumulados e correr, deixando-a sozinha na praça”. Sobre o balanço sem crianças no canto direito do desenho, Maria diz que não pode se sentar, já que teria que pôr as mãos no balanço e se contaminaria com o vírus.

Enquanto para ela o vírus é sempre uma ameaça à espreita, o desenho e a reflexão de Pedro, no entanto, revelam a presença imaginada de um outro inimigo.

Figura 3 - Desenho de Pedro



Fonte: Acervo dos autores.

Pedro diz que pensar na vacina no contexto do Covid-19 o remete ao personagem “Zé Gotinha”. Ainda que o personagem seja uma figura simbólica bastante conhecida no Brasil, empregado

em campanhas de vacinação contra a poliomielite, Pedro associa o personagem a algo maligno, reforçado pelo formato que ele dispensa aos olhos do personagem. Quando questionado sobre o porquê de o Gotinha ser malvado, Pedro conta que um amigo surdo disse a ele que a vacina pode matar. Pedro ainda descreve que as gotas representadas ao redor do personagem seriam uma maneira de atacar a distância, fazendo um paralelo com uma personagem de uma animação japonesa chamada Naruto.

“Você já viu N-A-R-U-T-O? – Ele soletra o nome e faz um sinal representativo típico do personagem na animação – O Gotinha é igual, as gotas são iguais as esferas de ataque, como se fosse uma bala para atirar e atingir a gente”. Neste momento um dos pesquisadores intervém e o diálogo transcorre da seguinte forma:

Pesquisador: você quer dizer que as Gotinhas atacam o vírus? É isso?

Pedro: Não! Você não entendeu, a vacina é perigosa igual o vírus. Eu já sei, os surdos sempre falam porque a vacina é lá da Cina – soletrando incompletamente. O vírus é igual gripe, normal, a gente espirra. Passa uns dias e acaba. Mas se eu tomar a vacina ela vai para dentro... como que tira? Por isso eu não quero vacina. O Gotinha é do mal, eu não acredito não, sou esperto!

Pesquisador: Você tem medo da vacina e não tem medo do vírus?

Pedro: Não tenho medo do vírus, é normal as pessoas ficam doente só precisa tomar cuidado e remédio. Ficar descansando e evitar ir trabalhar, é melhor o corpo descansar (Entrevista Pedro, 2021).

A fala de Pedro indica que os surdos têm tido como fontes de informações seus pares. Ao usar a libras, os surdos pertencem a um lugar único, uma comunidade. Neste locus e, por meio desta língua, têm a sensação de pertencimento que, no caso de Pedro, traz a convicção de que os sujeitos pertencentes à esta comunidade/grupo falam a verdade. Fato que remete ao depoimento de João e sua crítica incisiva à escola, confirmando que: a falta de informações sobre Covid-19 na escola impede que os indivíduos confrontem verdades e fatos que circulam no mundo, o que não oferece possibilidade para que cheguem à outras conclusões.

Em um eco de outros depoimentos já reproduzidos aqui, denota-se que as informações têm chegado até os surdos. Muitas vezes, mesmo sem contar com acessibilidade. A questão aqui seria: quais informações? Elas são verídicas?

Não se trata de uma informação pensada por ele, mas algo que vem circulando entre a comunidade surda tal qual ocorre também com a sociedade em geral, sobretudo, nos últimos embates políticos que provocam no país uma polarização intensa. De um lado cientistas indicando o perigo do vírus e o colapso dos sistemas de saúde (TAYLOR, 2021; MARQUES, 2021) e, de outro, governos e lideranças econômicas interessados no “bom andamento da economia”, acusando o distanciamento social de trazer danos econômicos ao país, a vacina de ser cara e desnecessária e incentivando a população – especialmente aquela com menos acesso à informação – a seguir a vida normalmente. Segundo o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, a “Covid é apenas uma gripezinha como outra qualquer” (MARQUES SILVA, 2020). Pronunciamentos como este, curiosamente contam com a acessibilidade, uma vez que o presidente vem assegurando intérpretes de libras em suas falas.

Os indivíduos entrevistados refletem aspectos inerentes ao momento histórico no qual vivem, o que é reforçado, principalmente, nas falas negacionistas de Pedro e na consciência demonstrada por João. De forma consonante, Vigotsky (1998) afirma que a personalidade e a individuação têm origem (e estão entrelaçadas) às relações do indivíduo com a vida coletiva/social. Para o autor, a personalidade

se faz pela sociedade, ou seja, o grupo social é necessário à formação do indivíduo. Ainda sob esta perspectiva o desenvolvimento é entendido como cultural (VIGOTSKY, 1998; 2004). Para além disso, Marques Silva (p. 15, 2020) descreve que:

[...] o uso da linguagem constitui uma prática social e uma ação sócio historicamente situada, responsável, neste caso, em específico, pelo forjamento de realidades, e, como corolário, de sistemas de conhecimentos e de crenças. Nesse processo, a linguagem atende a demandas sociais e cognitivas, criando, por meio de símbolos linguísticos, cultural e socialmente constituídos, formas de representação cognitiva. Ademais, o uso linguístico incorpora perspectivas particulares acerca do objeto analisado, o que implica também compreensões específicas do mundo discursivizado relacionadas a distintas formas de produção e disseminação de conhecimento.

Outros fatores podem contribuir para o posicionamento que Pedro tem acerca da vacina, como: dificuldade de comunicação direta com pais, responsáveis e outras pessoas (ainda que ouvintes); falta de elucidação e exploração sobre o tema do Covid-19 na escola (como apontado por João); e a falta de acessibilidade nas informações veiculadas.

A perspectiva de Pedro é que o vírus não apresenta uma ameaça real, sendo concebido como algo comum no cotidiano tal como o é a gripe. Pedro, nas entrevistas é aquele que mais demonstra interesse em voltar a conviver presencialmente com os pares surdos.

Muito chato, eu já falei que sou esperto, mas as vezes não pode sair. Eu queria ver meus amigos. A internet aqui falha muito e demora demais com os vídeos. Eu chamei meu amigo surdo para ne visitar, às vezes ele vem e é bom bater papo. Quando passar a pandemia eu não fico mais só (Entrevista Pedro, 2021).

Neste último trecho, não somente Pedro reforça sua resignação ao distanciamento dos colegas, como evidencia seu posicionamento. Ocorre que, assim como Pedro, o amigo recebeu as informações que têm de outros surdos. São grandes as chances de ele repassá-las para outros, o que incorre no risco de um perigoso movimento de desinformação em cadeia.

Outro aspecto interessante é que Pedro, enquanto sinaliza sobre os encontros surdo-surdo modifica sua sinalização com movimentos mais enérgicos e expressões faciais positivas. A feição, ao falar da condição na pandemia, é outra, com ritmo de sinalização mais lento e movimentos mais contidos. Essa nuance pode ser comparada à tonalidade de voz quando indicamos ânimo ou desânimo com determinados eventos.⁶

O desenho, no entanto, indica um elemento que excede à tristeza e aponta para outro sentimento, a raiva, o interesse combativo associado às memórias que ele tem sobre as lutas na animação que menciona. Há uma transposição da sua imaginação a partir do *anime* para o seu contexto de vida, “[...] a imaginação criadora penetra com sua criação a vida pessoal e social, especulativa e prática” (VIGOTSKY, 1998, p. 59).

Partindo dessas reflexões, é possível depreender uma multiplicidade de situações socioemocionais. Algumas emergem a despeito da pandemia, como é o caso das dificuldades de comunicação no contexto familiar e ausência de mecanismos de acessibilidade mais consolidados. Outras

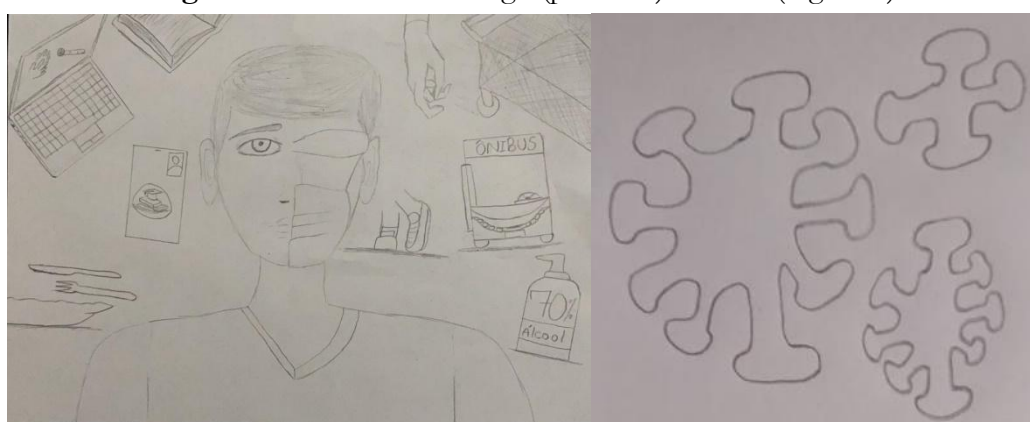
⁶ Os pesquisadores ofereceram fontes de informações qualificadas sobre o vírus da Covid-19 a todos após a entrevista (não interferindo na coleta de dados), prezando pelo compromisso com a pesquisa e para com a saúde dos participantes.

são agravadas pelo contexto pandêmico à medida em que os surdos são restringidos do contato frequente com seus pares.

Pensando nos efeitos dessa combinação isolamento/distanciamento, os relatos e desenhos dos surdos participantes nos permitem compreender a insegurança, o medo e a raiva pela condição em que se encontram. Para além das preocupações corriqueiras em relação à pandemia, há ainda a dificuldade de acessar informações qualificadas sobre o vírus, ter orientações precisas e estabelecer relações mais diretas e de qualidade com os familiares. Soma-se a isso a impossibilidade de contato com os pares surdos.

A pandemia ocupa, atualmente, a centralidade das discussões no país. Seja sobre o número de mortos, medidas adotadas pelos municípios, número de vacinas ou embates sócio-políticos. Nos desenhos produzidos por Lucas e Tiago, os elementos registrados são representações imagéticas do vírus e medidas profiláticas.

Figura 4 - Desenhos de Tiago (primeiro) e Lucas (segundo)



Fonte: Acervo dos autores.

O desenho de Tiago – o rosto no centro e inúmeras figuras ao redor – remete a uma profusão de ideias: poucas respostas e muitas dúvidas. É o mesmo bombardeio de informações descrito por João anteriormente, no qual assistir à televisão sem a acessibilidade necessária para compreender as informações o carrega de sensações negativas. As imagens são vistas, as palavras são mostradas, mas nenhum deles pode compreender.

Quando questionados sobre como aquilo se relaciona ao modo como eles se sentiam, os relatos foram os seguintes:

Só falam de vírus e pandemia, tudo é sobre máscara, álcool, tomar cuidado. É muito ruim isso. Eu já saí de casa, não sinto nada, mas tem como saber que o vírus está em mim? Eu não sei, eu não sinto nada, então acho que estou com saúde (Entrevista, Tiago, 2021).

Ônibus vazio, olho na janela e tem pouca gente na rua. Aula pelo computador com libras. Eu fiquei pensando se a gente precisa voltar presencialmente para escola. Pode ter aula agora no computador, mas depois não pode mais? E se eu tomar bomba vou fazer tudo de novo? (Entrevista, Lucas, 2021).

As dúvidas oscilam entre aquelas simples, como identificação da contaminação à outras mais reflexivas, como entender porque neste momento é preciso ter aulas remotas. Mas independentemente do grau de complexidade, elas estão postas, pairam sobre eles sem uma perspectiva de resposta (muito bem representado pelo desenho de Tiago).

Ainda que o público em geral compartilhe, de certa forma, as dúvidas de Tiago e Lucas, estes dois, não têm tido acesso a informações qualificadas. Se tivessem, é possível que muitas das perguntas fossem respondidas à medida em que acompanhassem os debates nas diversas fontes disponíveis. A falta de acesso a informações os deixa à deriva, como se não fizessem parte de um cenário que acomete toda a população mundial. Informações sem acessibilidade de nada valem para eles. Não são tangíveis e os colocam em um mundo ainda mais isolado do que já vivem diariamente, ao pertencer à uma comunidade e usar de uma língua pouco reconhecida socialmente. A característica que mais os constitui como seres humanos e como surdos, os coloca também à margem da vida em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto pandêmico da Covid-19 provocou no mundo toda mudanças drásticas nos modos de se relacionar. Ainda que medidas de distanciamento social sejam necessárias para a contenção do vírus, é evidente que a privação das relações entre pares e a convivência afetiva habitual poderá provocar uma série de problemas de cunho socioemocional.

A sociedade, em escala global, continuará a lidar com os impactos sem precedentes da pandemia, nos mais diversos setores, sejam eles sociais, econômicos, culturais, históricos e políticos nos anos que seguem. A exposição de populações e grupos vulneráveis tem repercussões diretas e indiretas na educação e precisam ser reportadas, exploradas e investigadas. Diminuição de aprendizagem, evasão e aumento do risco de violência são apenas algumas das implicações que a escola terá de lidar.

Em se tratando dos surdos, vale mencionar as possibilidades de compreensão das palavras isolamento social e distanciamento social. Enquanto usuários de uma outra língua de modalidade gestual-visual, os surdos se configuram como um grupo minoritário cuja língua ainda não atingiu o reconhecimento social necessário.

Por isso, mesmo fora da pandemia, as barreiras que emergem nas relações sociais já configuram de certo modo uma prática de isolamento, mesmo que inconsciente. Agora, com as medidas de distanciamento não somente os surdos entrevistados podem partilhar dessa mesma privação de contato com o outro, mas também acabam isolados, nos casos em que a comunicação em casa se mostra consideravelmente restrita, já que nem todos os familiares demonstram fluência na língua de sinais.

Os desenhos produzidos por eles revelam detalhes e reflexões que complementam as entrevistas. Enquanto na primeira etapa eles assumem um caráter mais objetivo e descritivo sobre suas rotinas e queixas no contexto de distanciamento, é nos desenhos que suas autopercepções se desvelam.

É interessante enfatizar que a criação do desenho não é vazia de emoções, conforme Vigotsky (1998, p. 44) “[...] qualquer inventor, mesmo um gênio, é sempre um fruto do seu tempo e do seu meio”. O desenho funciona como um catalisador para a materialização das dúvidas, anseios, pensamentos e convicções. As relações cotidianas dos surdos são representadas em seus desenhos: a sinalização, o lugar de encontro, a rotina dentro de casa, a solidão etc.

Em todos os casos, as entrevistas apontam para a necessidade da relação com os pares surdos, ainda que pela via das tecnologias da informação. Além disso, as informações que são amplamente difundidas por jornais, televisão e outras mídias claramente não estão alcançando os surdos, justamente pela ausência de acessibilidade.

No intento de suprir essa necessidade foram criados sites, materiais em vídeo e cartilhas com informações em libras sobre a Covid-19, totalmente gratuitos, que ainda não têm sido suficientemente disseminados. Estas informações têm sido compiladas, organizadas e distribuídas por universidades (em sua maioria públicas) como UFSCar, UFSM, PUC-PR e a UFG⁷, entre outras. Ainda que seja um trabalho que as universidades devam desenvolver, fica-se à espera de iniciativas como esta, partindo diretamente do poder público.

Neste sentido, vale considerar que para além de uma política linguística pautada no direito básico de acesso e respeito à diversidade humana, é urgente que se promova informações acessíveis no contexto da pandemia. O acesso pode se configurar em um fator de sobrevivência ao promover a consciência do real contexto, da ameaça e de seus efeitos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cláudia C. M. *Linguagem e Desenho Infantil: aspectos do desenvolvimento simbólico da criança surda e implicações terapêuticas*. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008. Disponível em: < http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/308765/1/Araujo_ClaudiaCamposMachado_D.pdf > Acesso em: 21/06/2021.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. *Research Methods in Education*. 6a ed. Nova York: Routledge, 2007.

COSTA, Barbara R. L. Bola de Neve Virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 7, n. 1, p. 15-37, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649/16131> > Acesso em: 21/05/2021.

DERDYK, EDITH. *Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.

FERREIRA, Sueli. *Imaginação e Linguagem no Desenho da Criança*. 2a ed. Campinas: Papirus, 2001.

GALEA, Sandro; MERCHANT, Raina M.; LURLE, Nicole. The Mental Health Consequences of COVID-19 and Physical Distancing: the need for prevention and early intervention. *American Medical Association*, n. 180, n. 6, p. 817-818, 2020. < <https://doi.org/10.1001/jamainternmed.2020.1562> >

GUARINELLO, Ana Cristina; LACERDA, Cristina. B. F. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. In: SANTANA, Ana Paula; BERBERIAN, Ana Paula; GUARINELLO, Ana Cristina; MASSI, Giselle. (Orgs.). *Abordagens grupais em Fonoaudiologia: contextos e aplicações*. São Paulo: Plexus, 2007, p. 105-120.

MARQUES, Fabrício. Sistema em construção: Crucial no combate à pandemia, o SUS enfrenta problemas novos e antigos de financiamento e governança. *Pesquisa Fapesp*, v. 300, p. 42-50, 2021. < <http://dx.doi.org/10.47369/eidea-20-2-2736> >

⁷ Sites com informações sobre Covid-19 em Libras:

<https://www.informasus.ufscar.br/categoria/libras/> (UFSCar)

<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/20421> (UFSM)

<https://www.unidospelasauade.com.br/> (PUC-PR)

<https://www.ufg.br/n/126110-tv-ufg-produz-informacao-em-libras-sobre-pandemia> (UFG)

MARQUES SILVA, Alexandre. (Não) é só uma gripezinha: argumentação e realidade forjada nos pronunciamentos de Jair Bolsonaro sobre a covid-19. *EIDEA – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 20, n. 2, p. 4-28, 2021. Disponível em: < <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2736/1960> > Acesso em: 15/06/2021.

NATIVIDADE, Michelle R.; COUTINHO, Maria C.; ZANELLA, Andréa V. Desenho na Pesquisa com Crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. *Contextos Clínicos*, v. 1, n. 1, p. 9-18, 2008.

PATEL, Khushboo. Mental Health Implications of COVID-19 on Children with Disabilities. *Asian Journal of Psychiatry*, v. 54, 2020. < <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2020.102273> >

PINTO, Milena. M. *A criança Surda na Educação Infantil: o desenvolvimento de linguagem na perspectiva do professor*. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2021.

QUILES, Raquel. *Educação de surdos em Mato Grosso do Sul: desafios da educação bilíngue e inclusiva*. Tese (Doutorado em Educação Especial). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2015.

SANTANA, Ana Paula. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus, 2007.

SKLIAR, Carlos B. Uma perspectiva sócia histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, Carlos. B. (Org.). *Educação e exclusão: abordagens sócio antropológicas em Educação Especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997, p. 105-153.

TAYLOR, Luke ‘We are being ignored’: Brazil’s researchers blame anti-science government for devastating COVID surge. *Nature*, v. 593, p. 15-16, 2021. < <https://doi.org/10.1038/d41586-021-01031-w> >

VYGOTSKII, Lev S. *La Imaginación y el Arte en la Infancia*. 4a ed. Madrid: Akal, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Madrid: Akal, 2004.

YIN, Robert K.. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

Autor 1 – Análise dos dados, escrita do texto e revisão da escrita final.

Autor 2 – Coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.

Autor 3 – Supervisora do projeto, análise dos dados e revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.